

Teresa Simão

O BAILE – Salões, Sociedades Recreativas e seus Animadores

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÁN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 499-522

100

95

75

5

0

ابن مروان
IBN MARUAN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Título

**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição

Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação

Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico

Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

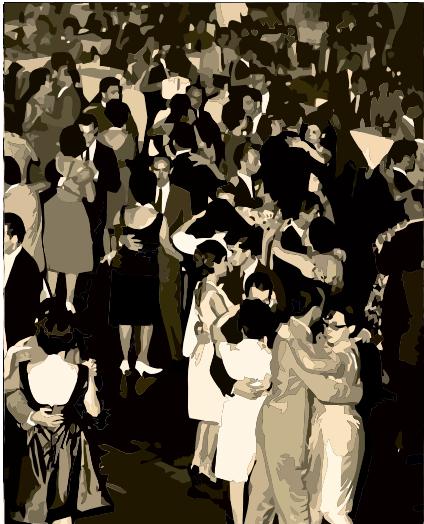
ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100
95
75
25
5
0

Teresa Simão



O BAILE – Salões, Sociedades Recreativas e seus Animadores

Para começar a dançar

Numa época em que as manifestações culturais não eram muito abundantes, o baile constituía um importante evento de lazer. Depois de um dia de trabalho árduo, nunca havia preguiça para *mudar de fatiota* e, muitas vezes, andar uns quilómetros até ao salão ou à sociedade mais próximos. Mais do que locais de dança e de convívio, eram propícios aos encontros amorosos, mas sempre sob o olhar atento das mães que aí iam "guardar" as filhas.

Quase em todas as aldeias havia um salão que, excetuando o período da Quaresma, era frequentado regularmente por diversas gerações.

Com a evolução dos tempos, esses espaços foram fechando e surgiram algumas sociedades recreativas, onde, para além de bailes, também se realizavam muitos outros eventos culturais, como por exemplo, teatros, espetáculos de variedades, sessões de cinema...

Ao abordar esta temática, não podemos deixar de referir também os tocadores que animavam os eventos, quer a solo, quer em grupo, e foram muitos os que se destacaram em Marvão, mais concretamente na zona norte.

Atualmente, com a despovoamento do concelho e a existência de outras formas de convívio e distração, os bailes deixaram de ter a adesão de outrora. Realizam-se essencialmente nas festas populares e são pouco frequentados por jovens, ao contrário de antigamente. Estamos, assim, perante uma manifestação cultural que perdeu muita da sua vivacidade e importância no seio da comunidade local.

1. Os bailes

Ao nos debruçarmos sobre o património material e imaterial da zona norte do concelho de Marvão, não poderíamos deixar de mencionar os saudosos salões de baile e as sociedades recreativas que outrora tanto marcaram a atividade cultural das gentes da região.

Mais do que locais onde se ia para dançar, esses espaços representaram sempre importantes pontos de encontro, locais de convívio onde as gentes da terra e arredores tinham oportunidade de pôr a conversa em dia, saber as novas e, no que toca aos moços e moças casadoiros, arranjar um parceiro para namorar e muitas vezes casar. Claro que sempre sob o olhar vigilante das mães que, em primeira fila, controlavam atentamente os seus passos. Caso alguém se pusesse à frente delas e lhes dificultasse a visão, logo um alfinete entrava em ação para afastar os obstáculos e deixar o campo aberto.

Os bailes nesses salões e nessas sociedades recreativas tinham lugar essencialmente no outono, inverno e princípio da primavera, pois no verão eram substituídos pelas festas populares que havia por todo o concelho. Por isso, era frequente, em alguns locais, ver-se passar a avó, a mãe e a neta a transportarem uma braseira com brasas, a caixa para a colocar e ainda o candeeiro para alumiar o caminho. Chegadas ao baile, as matriarcas instalavam o aquecimento a um canto e assim podiam, de forma mais cómoda, ir seguindo os passos da donzela.

A propósito do frio que se fazia sentir nas salas de baile, não podemos deixar de registar um episódio partilhado connosco por José Maria Gavancha respeitante à Sociedade Recreativa de S. A. das Areias. Um dia, o frio era tanto que os pares nem se atreviam a começar a dançar. Foi então que um senhor decidiu pegar fogo a uma série de folhas do jornal "O Século" no meio da sala, dizendo: "Isto é para aquecer os motores!".



Fig. 1: Polero e espelho existentes no antigo salão dos Barretos

Em todas as aldeias havia algum espaço de dança, chegando mesmo a existir mais do que um e todos tinham clientela. Por norma, eram privados, mas alguns eram pertença de coletividades. No caso dos privados, muitas vezes correspondiam a um anexo da casa que fora ajustado para essa finalidade e assim era rentabilizado. Noutros casos, localizavam-se

junto a uma mercearia ou taberna já existentes. Raro era o que tinha um palco feito de raiz, por isso, para que os acordeonistas e demais músicos se destacassem, muitas vezes tocavam no *polero*, que consistia numa estrutura de madeira com alguma altura, mas, por norma, bastante frágil.

Antigamente, todas as semanas havia bailes, sobretudo ao sábado à noite, mas alguns eram mais especiais do que outros, correspondendo essencialmente a épocas festivas, tais como, o Baile dos Santos, o Baile do Natal, o Baile do Ano Novo, o Baile do Carnaval, o Baile da Pinhata (excepcionalmente na Quaresma), o Baile da Páscoa. Na aldeia de Santo António das Areias, os mais importantes eram os da Festa de São Marcos e o Baile da Rosa, realizado no sábado seguinte. Para esses, as moças e moços da região guardavam sempre as melhores vestes. Quem tinha posses era comum estrear uma roupa no São Marcos e outra no Baile da Rosa, apesar de serem muito próximos. De notar que antigamente, neste último, as senhoras tinham de se acompanhar da respectiva rosa. Agora a flor é oferecida pelo Grupo Desportivo Arenense.

Havia ainda os Bailes das Sortes, organizados pelos rapazes que iriam ingressar no serviço militar. Eram antecedidos por um jantar em que participavam todos os *quintos* e estes, por norma, quando chegavam ao baile já iam "muito bem-dispostos". De notar que o dia em que iam tirar sortes começava bem cedo, acabava muito tarde e era marcado por uma diversidade musical ímpar. Até 1970, cada grupo de mancebos dirigia-se a Marvão com o seu tocador, por vezes, os do concelho não eram suficientes e contratavam alguns das localidades vizinhas. Uma vez lá chegados, desenrolava-se o despike, a ver qual era o grupo mais animado, o que gerava um clima de muita animação. Depois seguiam para as suas terras, onde decorria o baile. Quando este terminava, a animação continuava muitas vezes na rua até de madrugada.



Fig. 2: Baile das Rosas (anos 60)



Fig. 3: Baile de sortes com os acordeonistas Chico Clemente e Romão Carrilho (1954/55)

Para além das já referidas festas populares, durante o tempo quente, havia ainda, em algumas aldeias, espaços ao ar livre em que também se realizavam bailes. Em Santo António das Areias, por exemplo, é relembrada a esplanada improvisada que existia junto à Fonte da Vala.

Para além de espaço de dança, esse era também propício aos encontros amorosos.



Fig. 4: Grupo das sortes, em 1970, a descer a calçada de Marvão com o respetivo acordeonista



Fig. 5: Recinto de baile na Fonte da Vala e casal de namorados (Júlia Sanches e Manuel Dias)

2. Os Salões de Baile

Na freguesia da Beirã, quem não se lembra do salão de baile existente nos Barretos, propriedade de João Batista Vaz e Manuel Batista?



Fig. 6: Salão de Baile dos Barretos, Manuel Batista



Fig. 7: Menina Rita no interior da sua taberna

Ao lado funcionava uma taberna, que ainda hoje se mantém aberta graças à resiliência da sua proprietária, a D. Rita, viúva do Sr. Manuel Batista.

Também na Herdade do Pereiro se realizavam bailes. Estes decorriam no casão dos trabalhadores, todas as quartas-feiras.

Nas Termas da Fadagosa, na época balnear, de julho a setembro, existiam diversos eventos culturais, entre eles bailes, que eram frequentados essencialmente pelos aquistas.

Na freguesia de Santo António das Areias também ficaram na memória vários salões. Um deles estava localizado no lugar da Farropa e foi explorado por Maria da Conceição Andrade (finais dos anos 20 até por volta de 1943). Mais tarde, foram aí instalados a taberna e o comércio de Manuel Barradas, sucedido depois pela filha, Glória Barradas.

Onde atualmente se encontra uma entidade bancária, funcionava outrora o Salão de Baile do Bento Ginjal (também conhecido como Bento das Carroças).

Na localidade da Relva da Asseiceira, deixou saudades o Salão do Ti João Gavancha. No início do século, este era mesmo um dos mais frequentados.

Nos Cabeçudos, os bailes realizavam-se primeiramente no Salão do Ti Pinadas e, mais tarde, no Salão do Manuel Carrilho.



Fig. 8: Fachada do Salão do Bento Ginjal



Fig. 9: Ti Pinadas e a esposa (ambos de escuro) à porta da casa deles, onde outrora decorreram os bailes



Fig. 10: Bailarinos e tocador em frente ao salão dos Cabeçudos, finais da déc. 50



Fig. 11: Grupo de mocidade em frente ao salão de baile do Manuel Carrilho

Também na Ranginha existiram dois salões. O primeiro era numa pequena casa no centro da povoação e o segundo, mais recente, era no casão do Manuel Ramilo, no cruzamento para as Carreiras.

Num dos extremos da freguesia, na Abegoa, existia ainda o Salão do Ti João do Barreirão (João Mourato Guapo). Segundo membros da sua família, este era igualmente muito frequentado, mas havia duas ocasiões em que era especialmente procurado; no dia do magusto e na altura do São Brás. No primeiro caso, havia um dia em que o dono promovia um magusto e colocava castanhas e licor à disposição dos convivas, o que atraía ainda mais dançarinos. No segundo caso, a população ia à festa, a 03 de fevereiro, e, quando vinha para baixo, era costume ir ao baile nesse salão. Esse espaço de dança, assim como os outros, era suportado com o dinheiro das entradas. O valor não era muito elevado (por exemplo, dois tostões), mas havia quem não o podia pagar e tentava junto da dona a benesse de uma entrada gratuita. A venda de comida e bebida constituía outra

fonte de rendimento. Muitos se lembram de o filho dos donos (Manuel Mourato), na altura pequenito, andar pelo salão a vender bolos para angariar mais algum dinheiro.

Nos anos 30, surgiu a obrigatoriedade de os salões de baile terem estatutos aprovados pelo Governo Civil, serem geridos por uma direção e muitos proprietários não se dispuseram a isso, levando ao encerramento de bastantes. Noutros casos, onde funcionara um salão passou a existir uma sociedade recreativa.



Fig. 12: Salão do Ti João do Barreirão

3. As Sociedades Recreativas

Como atrás referido, algumas sociedades ficaram sediadas onde existiam antigos salões de baile, outras tiveram uma localização autónoma. Estas foram constituídas e dinamizadas por um conjunto de sócios que iam pagando quotas ao longo do ano. Desde que as tivessem em dia, quer o associado, quer a sua família entravam de borla nos bailes. Apenas quem não era sócio pagava entrada. Muitas regiam-se por estatutos bem definidos, aprovados pelo Governo Civil. As dos primeiros anos do Estado Novo tinham regulamentos mais permissivos. À medida que o tempo ia passando, iam sendo cada vez mais rígidos, especialmente depois do início da guerra civil espanhola e da segunda guerra mundial. Essas regras obedeciam aos princípios do regime. Por exemplo, nas sociedades não se podia discutir religião, política ou autoridade.

Segundo alguns estatutos, aos homens era interdito dançar de chapéu na cabeça e proibiam os elementos do sexo feminino de ser sócios, o que revelava um enorme conservadorismo. Também nenhuma rapariga solteira presente no baile podia *dar cabaço* a um homem, excepto se ele fosse casado ou ela estivesse comprometida. O pedido do cavalheiro era sempre feito dizendo *bota/deta cá lecença*.

Na parte norte do concelho de Marvão, a sociedade recreativa mais antiga localiza-se na Beirã. A 02 de maio de 1909, foi inaugurada a Sociedade de Recreio Familiar da Beirã, localizada no rés-do-chão da antiga escola, junto ao caminho-de-ferro. Era dirigida pelo Sr. Ventura e pelo Sr. Graça, os quais eram proprietários da firma Graça Ventura & Irmão.

De notar que os bailes decorriam no rés-do-chão, já os teatros e outros espetáculos realizavam-se no primeiro andar.

Entre os muitos eventos culturais que aí tiveram lugar, destacamos uma representação da peça *Os Velhos* (1), da autoria de D. João da Câmara, em 1950. Para além de relembrar uma obra inspirada na Beirã e de proporcionar um momento de lazer à população local, os lucros dessa representação reverteram a favor da Santa Casa da Misericórdia de Marvão.



Fig. 13: Sociedade de Recreio Familiar da Beirã



Fig. 14: Parte do cartaz da representação de "Os Velhos", em 1950

Em Santo António das Areias, a Sociedade Popular de Beneficência, Instrução e Recreio ficou concluída em 1928, sendo inaugurada pelas festas do São Marcos.



Fig. 15: Fachada inicial da Sociedade de S.A.A.

(2.000\$00), João Nunes Sequeira (4.000\$00), João Gonçalves Bengala e Filho (2.000\$00), João Nunes Serigado (2.000\$00), António Marques da Mota (4.000\$00), António Gavancha (1.500\$00), Bento José da Mota (1.000\$00), Manuel Gonçalves Gordo (1.552\$00), Joaquim Vaz Nunes (1.500\$00), Padre João da Graça Oliveira (2.000\$00), Francisco Batista (1.500\$00), Joaquim Fernandes Tavares (4.000\$00) e Alberto Augusto Esteves (4.000\$00). No total, foi conseguido reunir 33.552\$00.

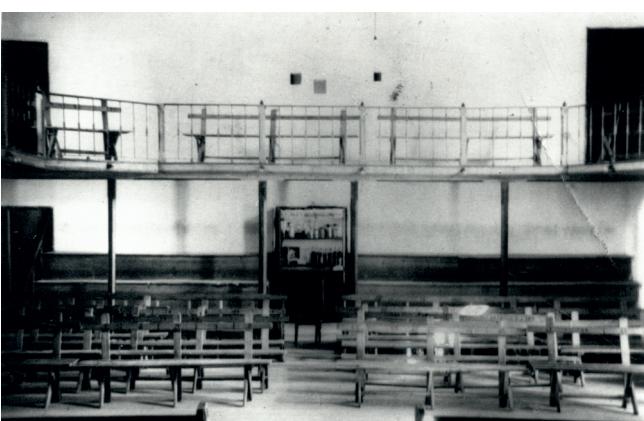


Fig. 16: Interior da sala principal da sociedade de S.A.A.

Todavia, a dona resolveu exigir que a janela se mantivesse, para assim poder assistir aos espetáculos a partir de sua casa. O pedido foi aceite e ainda hoje, por detrás do palco, numa cota um pouco acima da boca de cena, existe a dita janela. O objetivo da ex-proprietária funcionou em pleno para ver bailes, teatros e outros espetáculos do género. Contudo, quando começaram a ser promovidas sessões de cinema na sociedade, não era possível assistir ao filme ao contrário.

Um documento datado de 5 de fevereiro de 1927 dá conta da participação dos vários sócios para que esse sonho se tornasse realidade. Assim, o terreno foi facultado por José Luís Forte Ramilo e Filho e outros senhores da terra contribuíram com valores em dinheiro, que passamos a elencar: Joaquim Dionísio Serrano e Filho (2.500\$00), Joaquim António de Oliveira

A cedência do terreno teve uma contrapartida interessante que torna esta sociedade muito peculiar. Embora a caderneta predial estivesse em nome de José Forte Ramilo, na altura, eram a sua filha, Joaquina da Silva Forte, e o genro, José Domingos de Oliveira, quem detinha o bem. Estes residiam na casa contígua, a qual tinha uma janela virada para norte e que, ao ser construído novo edifício, deixaria de existir.

Na inauguração, a Sociedade de S.A.A. estreou-se logo com uma oferta cultural muito diversificada. No dia 25, o baile começou às 12:00h e estendeu-se pela noite fora, havendo também um concurso de beleza. No dia seguinte, o baile continuou desde as 12:00h e à noite foram representadas duas peças de teatro, intituladas "O Dedo de Deus" (um drama em dois atos) e "Uns comem os Figos..." (uma comédia em um ato). A estas seguiu-se um espetáculo de variedades e novamente baile.

Tal como o nome indica, a sociedade era constituída por sócios, mas, durante muitos anos, quem a "geriu" foi a Comissão de Melhoramentos, da qual faziam parte, entre outros, o Major António Monteiro, Joaquim Dionízio Serrano, Júlio da Conceição Bengala e João Nunes Sequeira, sendo este último um dos seus principais promotores. Após a sua morte, coube ao filho, João Serrano Sequeira, esse papel e a Comissão de Melhoramentos continuou a ser integrada por diversos conterrâneos que tinham em comum o desejo de melhoria e progresso da freguesia.

A 08 de março de 1960, a Sociedade Popular de Beneficência, Instrução e Recreio passou a ter a designação de Sociedade Recreativa Arenense. Nessa década, a referida Comissão de Melhoramentos começou a delinejar um projeto de renovação das instalações para que a aldeia tivesse um espaço de lazer à altura das suas gentes. Para o efeito, em 1966, apelou a toda a população que também apoiasse essa causa.

Conterrâneo Amigo:

A NOSSA TERRA está atravessando nova fase de progresso. Progresso, em todos os recantos do mundo representa melhor nível de vida, melhoria do bem estar comum. Aliada ao progresso aumenta a responsabilidade de cada homem em respeito e deveres.

Por exigências deste fenómeno verifica-se a necessidade premente de nós, Arenenses, posseirmos um centro de Recreio, Desportivo e Cultural no nível mínimo de higiene e comodidade, que satisfaça plenamente os anseios da diáspora, após árdua luta do dia a dia.

É ali que nós, nossas famílias e, o que é mais importante, os nossos filhos devemos encontrar um recanto onde possamos recrear os nossos espíritos e arranjar novas energias para a luta do dia seguinte.

É animados por estes princípios que um grupo de homens se propõe organizar comissões que levem a cabo as projectadas obras de remodelação da nossa Sociedade Recreativa Arenense, cujo projecto se encontra em exposição na montra do Café Mendes, onde poderão apreciar a grandiosidade dessa obra.

Para efectivação dessa obra contamos já em parte com a promessa material das entidades oficiais, como de Sua Exceléncia o Senhor Ministro das Obras Públicas.

Com base nessa promessa é colocado, por um Grande nosso Amigo, à disposição das comissões a constituir, fundos necessários que possibilitam o inicio e continuidade da extraordinária transformação que a nossa Sociedade Recreativa vai sofrer.

Mas para isso é necessário o apoio de todos em trabalho e em tudo o que a sociedade exigir para bem de todos nós, dos nossos filhos e de Santo António das Areias.

Não Negues pois o teu apoio quando ele te for exigido.

Santo António das Areias. Março de 1966

A COMISSÃO

Tip. Sequeira—S. A. das Areias—Março de 1966—500 ex.

Teatro de Santo António das Areias

Por ocasião da Feira Franca e Festas a S. Marcos
NOS DIAS 25, 26 E 27 DE ABRIL DE 1928

A Empresa d'este teatro, considerando no fim para que foi constituição, contribuir para os melhoramentos tanto da freguesia quanto a proxima oportunidade — a Feira Franca e Festas a S. Marcos, resolvem associar-se as mesmas festas abrindo durante os 3 dias, a sua vasta sala da plateia para bailes, promover um concurso de beleza e inaugurar o teatro no dia 26 com um bom e escolhido programa:

NO DIA 25

Abrirá pelas 12 horas a sala da plateia principiando o baile todo o dia e para o piano o qual a orquestra tocará alternadamente. Às 15 horas, Concurso de beleza, para as nossas vizinhas *Las hermanas y grupos hospitalares*, sendo premiada a mais bonita, com um lindo e valioso estojo de prata.

NO DIA 26

Pelas 12 horas, continuação do baile com a mesma orquestra. Às 21 horas, inauguração do teatro com o seguinte programa:

O emocionante drama em 2 actos

O DEDO DE DEUS

Tradução de Penha Coutinho

PERSONAGENS

Jacques, compositor de musica.....	João G. Bengala
Júlio, escritor.....	François de Oliveira
Adriano, pintor.....	Manuel S. Andrade
Amelia.....	Alice Lourenço

Actualidade — Paris

A engagadíssima comédia em 1 acto

Uns comem os Figos...

DISTRIBUIÇÃO

Viscondeza de S. Barbabá.....	Estrela R. da Luz
Laura, sua sobrinha.....	Maria Constantina
Feliciano, seu cunhado.....	António Rosário
Jorge de Melo, médico galan.....	Manoel S. Andrade
Carlos Girão, provincial.....	M. L. Guedes
Ventura, criado.....	S. C. Gonçalves

Actualidade — Lisboa

Termina o espectáculo com um acto de variedades, pelos amadores: Maria do Rosário, Maria Constantina, Jacinta E. M. Gavancha e Francisco Lourenço.

Depois do espectáculo haverá baile.

NOTAS

Abreviatura o espetáculo a *Tuna União* d'esta localidade a orquestra da freguesia. Dentro do teatro funcionará permanentemente, durante os 3 dias de feira o bufet com um esmerado serviço de café, vinhos, licores, cervejas, etc. A Comissão das festas apurou com jubilo, que já obteve autorização de seu exmo ar. Município da freguesia para que a fronteira estiver aberta durante os 3 dias da feira, pelo que se espera que a concorrência dos forasteiros hispanohablantes, que como sempre, dão uma nota alegre a estas festas.

Preços para o Teatro	
Camarotes de frente.....	2500
Homenas.....	1500
... lado.....	2000

Fig. 17: Programa da inauguração da Sociedade de S.A.A.

O projeto era muito ambicioso, como se pode ler num documento da década de 70:

"10º- A Junta de Freguesia de Santo António das Areias, está trabalhando no projecto de expropriações dos terrenos juntos à Sociedade Recreativa para uma obra de grande interesse local. Um

Fig. 18: Documento enviado à população para apoiar a renovação da Sociedade de S.A.A.

complexo que além da sede, ficará uma residencial de 22 quartos todos com casa de banho, restaurante, piscina, vestiários, mata, pista de baile exterior, campos de ténis e «fronton». (...) Além das melhores condições económicas, os seus clientes terão além do conforto, cinema, discoteca, piscina, campos desportivos e festas."(2)

Desse grande sonho, apenas uma parte se tornou realidade e o edifício da sociedade passou a ter a configuração que conhecemos atualmente, com uma sala grande de espetáculos, com primeiro balcão e bar. Na cave, foi construída a famosa discoteca "A Cave", que tanto marcou as diversas gerações desde a década de 70 até ao momento.

A 22 de fevereiro de 1985, esse espaço começou a ser gerido pelo Grupo Desportivo Arenense e aí funciona desde então a sua sede.



Fig. 19 e 20: Antiga Sociedade Recreativa de S.A.A. e atual sede do Grupo Desportivo Arenense (vista frontal e lateral)

Ao longo de oitenta anos de existência, muitos foram os bailes e demais eventos que tiveram lugar nessas instalações, tais como espetáculos musicais, teatros, passagens de modelos, entre outros. Na verdade, foi um dos mais importantes espaços de cultura do concelho de Marvão.

No dia 14 de junho de 2008, celebraram-se os oitenta anos desta sociedade,

bem como os 130 anos da construção do Ramal de Cáceres (1878 – 2008), que tão fundamental foi para o desenvolvimento do concelho de Marvão e da localidade da Beirã, em particular. Nesse dia, entre outras individualidades, participou nas celebrações o fadista D. Vicente da Câmara, bisneto de D. João da Câmara.



Fig. 21: Cerimónia da celebração dos 130 anos do ramal de Cáceres e dos 80 da sociedade

Atualmente ainda continuam lá a ter lugar alguns momentos culturais, tais como bailes, o jantar dos casados, passagens de modelos, espetáculos musicais, peças de teatro escolares, entre outros, mas nada comparável ao bulício de outrora. Para além disso, com o passar dos anos, as instalações foram ficando antiquadas e obsoletas e há muito que se ambiciona uma nova remodelação. Para o efeito, em 2020, o Grupo Desportivo Arenense cedeu as instalações à Câmara Municipal de Marvão por vinte anos, para que esta possa aí desenvolver e implementar um projeto de remodelação.



Fig. 22: Espetáculo "Estrelas da Nossa Terra", organizado pelos alunos da E.B.I.M.M. por ocasião das festas do S. Marcos, em 2012

Na memória de muitos marvanenses está também a Sociedade de Beneficência, Instrução e Recreio da Abegoa, localizada junto ao largo onde se realizam as festas populares. Esta funcionava numa sala muito pequena, não tinha palco nem *polero*, o tocador instalava-se em cima de uma mesa quadrada para se destacar do público. Ainda assim, todos os quinze dias aí se realizavam bailes aos sábados à noite. Há muito que deixou de existir como tal, resta o imóvel para lembrança.



Fig. 23: Sociedade da Abegoa atualmente

4. As modas

Várias músicas animavam os bailes, sendo famosas as saias, o tacão e bico e muitas outras.

A este propósito, não podemos deixar de lembrar a famosa "moda à inglesa", na qual os papéis se invertiam. Ou seja, sensivelmente a meio do baile, surgia essa moda em que eram as raparigas a ir buscar os rapazes para dançar. Quando a dança terminava, cabia aos cavalheiros pagarem-lhes uma bebida no bufete. Em tempos em que o dinheiro não abundava, por vezes, geravam-se alguns constrangimentos, pois alguns moços nem sempre tinham dinheiro para pagar a dita bebida e ficavam aflitos perante a possibilidade de serem eles os escolhidos.

5. A tradição do baile no Falar Raiano de Marvão

Aquando do estudo que fizemos sobre o Falar Raiano de Marvão, muitos foram os vocábulos ou expressões relacionados com a temática do baile com que nos deparámos (3) . Alguns já foram destacados em itálico no presente artigo, outros ficam para memória futura:

- Bota/deta/ dá cá lecença? – *exp. idiom.* Expressão utilizada pelos rapazes nos bailes, quando perguntavam às raparigas se queriam dançar.
- Dar cabaço – *exp. idiom.* Recusar dançar com alguém.
- Dar um par de correas – *exp. idiom.* Expressão utilizada quando, no baile, a rapariga deixava o namorado e dançava ou falava com outro.
- Balho fechadinho – *exp. idiom.* Baile em que os pares dançam muito juntos.
- Balho macho – *exp. idiom.* Baile composto só por homens.
- Descante – *s. m.* Baile do casamento.
- Polero – *s. m.* Espécie de palco elevado, localizado no cimo de umas escadas, onde normalmente só cabia a pessoa que atuava.

6. Os Animadores (tocadores individuais e grupos musicais)

Havendo uma grande tradição de bailes na região, muitos eram os tocadores que animavam estes momentos de lazer; uns eram mais profissionais, logo conhecidos por serem mais perfeccionistas, outros menos e caracterizados por muitos enganos, o que não constituía um problema, pois o que interessava era promover a animação da população. Os músicos eram sobretudo portugueses, embora também houvesse alguns espanhóis que ficaram na memória das gentes.



Fig. 23: Acordeonista Luís Espada



Fig. 26: Ti Tomás Ferreiro

Num tempo em que o acordeão era rei, são relembrados vários acordeonistas, os quais, na maior parte das vezes, atuavam a solo. Desse vasto grupo faz parte o Ti José Afonso, da Relva, que tocava harmónio de duas escalas e alegrava bailes, essencialmente na Relva da Asseiceira. São também de relembrar Tomás Ferreiro, Manuel Gavancha, Joaquim Dinis Curado, Luís Espada (da Terrugem, mas a trabalhar em S. A. A.), Manuel Serra Calha (da Escusa), José Andrade Picado (de Tomar, mas a residir nos Barretos), entre muitos outros.

Na memória de todos ficaram ainda os famosos irmãos Carrilho, também conhecidos como Os Irmãos Alegres. Eram cinco, nomeadamente, o Vitorino, o Romão, o Manuel, o João e o José. Muitas vezes, eram acompanhados também por um primo, o João Carrilho, o qual, para além de tocar, também era quem conduzia a carroça quando se deslocavam. Aprenderam a tocar harmónio na taberna do seu avô, nos Cabeçudos, de onde eram naturais, e assim atraíam clientela. Atuaram juntos sobretudo na década de quarenta do século passado e animaram muitos bailes e festas tanto em Marvão, como nos arredores.



Fig. 27: Da esq. para a dir.: Vitorino Carrilho, Romão Carrilho, Manuel Carrilho, João Carrilho(4), João Carrilho, José Vitorino Carrilho



Fig. 28: Foto da família Carrilho
(Da esq. para a dir. em cima (de pé):
João Carrilho, Joaquim Carrilho,
Manuel Carrilho, Joaquim Carrilho,
Romão Carrilho, José Vitorino
Carrilho. Da esq. para a dir. em
baixo: Manuel Rafael Carrilho,
Vitorino Carrilho, José Joaquim
Carrilho, João Nunes Carrilho,
Francisco Carrilho

Esta geração teve o cuidado de transmitir os seus conhecimentos aos descendentes, o que originou um grupo familiar ainda mais numeroso, composto também por filhos e sobrinhos.

Entretanto o grupo desfez-se e deram continuidade à sua arte apenas o João e o Vitorino. O primeiro, a viver na Portagem, formou um grupo com os seus filhos Manuel Rafael, João Manuel e José Joaquim. Este grupo terminou e continuaram a

animar bailes e festas o Manuel Rafael e o José Joaquim. Juntamente com outros membros de Castelo de Vide, o primeiro ainda veio a formar o grupo "Os Parras", entre outros. Infelizmente este músico partiu cedo demais, deixando saudades a todos quantos o ouviam. Dessa irmandade, o José Joaquim é quem ainda continua a animar eventos com o seu acordeon e, já que os seus filhos não quiseram seguir a música, vai ensinando ao neto Rafael o que sabe, na esperança de que ele ainda dê continuidade a essa vocação que marcou toda uma família ao longo de tantos anos.



Fig. 29: O pai, João Carrilho, com os filhos (da esq. para a dir.) Manuel Rafael Carrilho, João Manuel Carrilho e José Joaquim Carrilho

A T E N Ç Ã O	
I	II
Quem estiver arreliado Ou na vida fiver sarilhos Venha ouvir um bocado A alegre Orquestra Carrilhos	Este conjunto sempre tem Música farta e variada Para sempre animar bem Durante uma alegre noitada
III	IV
Rapazes e Raparigas Pois venham já sem demora Ouvir as nossas cantigas Através da parelhagem sonora	Com os nossos belos acordeões Lindo banjo e castanholas Deliciando-vos com seus sons Jovens rapazes e moçilas
V	
Nosso conjunto é descendente Do concelho de Marvão Mas reside actualmente Na bonita vila de Gavião	Direcção é: EMISSORA CARRILHOS GAVIÃO

Tip. Águia d'Ouro — Abrantes — 600 ex — 17-7-93

Fig. 30: Cartaz publicitário da Emissora Carrilhos

Dos cinco irmãos iniciais, Vitorino Carrilho foi o que atingiu maior projeção, sendo muito solicitado. Este, a viver no Gavião, também veio a formar com os seus três filhos um conjunto musical, a Emissora Carrilhos, que durou até finais dos anos sessenta.

Vitorino Carrilho, para além de tocar, era também famoso por dedicar "saúdes" à assistência, algumas das quais estão transcritas num artigo de Jorge de Oliveira publicado na revista *Ibn Maruán* (OLIVEIRA, 1994).

A propósito ainda deste músico, não podemos deixar de relembrar o texto redigido por Manuel Pires Dias no nº 2 do "Altaneiro – Jornal de Marvão" por altura da sua morte, intitulado "Já se foi o tocador". Para além de falar da sua partida a 20 de fevereiro de 1998, o autor elenca uma

parte do currículo do músico e cita algumas das cantigas por ele cantadas, bem como uma dedicada a todos os Carrilhos. Sobre a sua mestria, escreve: "A solo ou na companhia dos irmãos ou dos filhos, Mestre Vitorino Carrilho animou durante mais de sessenta anos os eventos festivos da região norte do distrito de Portalegre. Com a concertina, o banjo, as castanholas e a voz, uma voz segura, nítida, bem colocada, foi tocador, poeta repentista, cantador ao desafio, em bailes, patuscadas, descantes, sortes, enfim, sempre que apetecesse o sublinhado de um toque de raiz bem popular."

No que diz respeito a grupos musicais, para além das fontes orais e alguns panfletos publicitários antigos, consultámos o já citado artigo de Jorge de Oliveira, intitulado "Instrumentos, bandas e conjuntos musicais do concelho de Marvão - I"(5).

Em 1905, foi formada a Primeira Banda de Marvão, surgindo, mais tarde, a Segunda Banda de Marvão.

Nos anos vinte (1923), fez furor em Santo António das Areias o grupo Jazz União. Este era composto inicialmente por José Baptista Mamede, Dionísio Nunes, Manuel Gavancha, António Azevedo, José Maria Gavancha e António Araújo.



Fig. 31: Primeira banda de Marvão(6)



Fig. 32: Grupo Jazz União



Fig. 33: Primeira banda de S.A.A

Dessa altura foi também a Primeira Banda de Santo António das Areias.

Em 1945, surgiu a orquestra Flor do Pereiro, cujo diretor artístico foi João Serrano Sequeira. Segundo Jorge de Oliveira, a orquestra foi composta inicialmente por José Baptista Mamede, Luís António Espada, António Tomaz, Joaquim Curado da Silva, Calixto Ourives Lopes, Jorge Ourives Lopes, José Vidal, Mário Mendes e Fernando Lança.

Quando foi impressa a brochura que a seguir apresentamos, já se verificavam algumas mudanças. Assim, nessa fase, o grupo era composto por Fernando Lança (trompete e cantor), Jorge Lopes (trompete, trombone, rabecão, bateria e cantor), David Pascoal (violino, solista e rabecão), Luís Espada (acordeão, piano e bateria), Curado da Silva (acordeão, piano e saxofone tenor) e Mário Mendes (saxofone alto, clarinete e bateria). O ponto alto desta orquestra foi nos anos 50, sendo muito solicitada para bailes, quer no concelho, quer fora dele. No referido documento estão compiladas músicas tocadas pelo grupo, surgem anúncios dos seus patrocinadores e ainda alguns slogans publicitários que não resistimos a partilhar(7):

- "Quando a Orquestra Flor do Pereiro abrilhanta um baile, a alegria é transcendente em todos os rostos";
- "Um baile abrilhantado por esta orquestra é ter a certeza de um êxito inigualável";
- "Preferir a Orquestra Flor do Pereiro é entregar-se a uma noite de intensa alegria";
- "Esta orquestra não faz milagres, mas anima a assistência até ao delírio";
- "Canções deliciosas que ficarão no ouvido";
- "Uma estupenda orquestra de música e de dança";
- "Canções deliciosas que ficarão no ouvido".

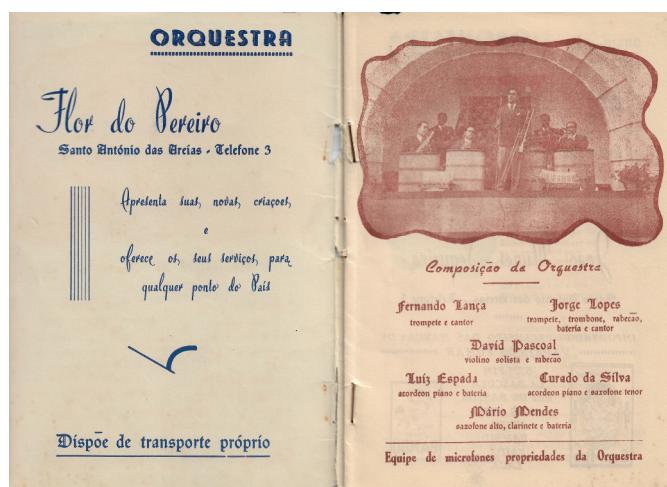


Fig. 34: Páginas da brochura da Orquestra Flor do Pereiro



Também em Santo António, na década de cinquenta, se formou a Banda da Casa do Povo, a qual durou até 1957. Esta trajava de cinzento, demarcando-se, assim, dos tons escuros que marcavam a farda da primeira banda.

Fig. 35: Banda da Casa do Povo de S. A.A., em 1952



Fig. 36: Grupo de músicos da Banda da Casa do Povo de S. A.A. (Da esq. para a dir., em cima: Manuel Pires Dias, Joaquim Barradas Castanho, Manuel Francisco P. Sanches. Em baixo: Cândido Ramos, Jorge da Conceição O. Lopes)

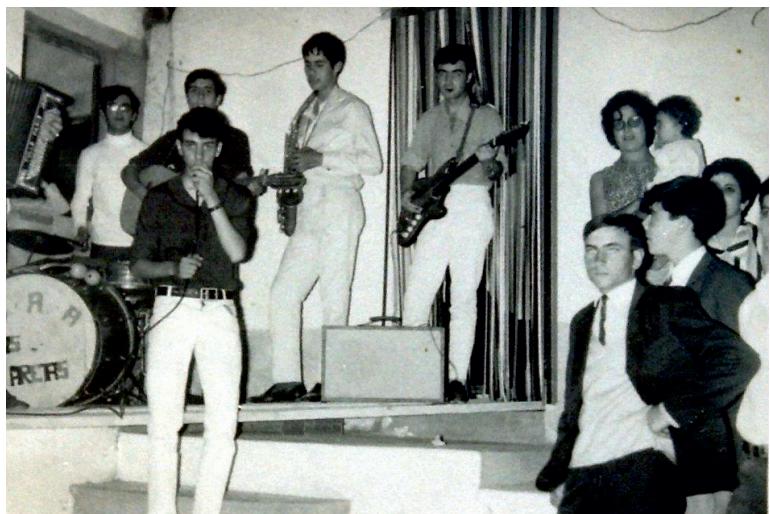


Fig. 37: Atuação do grupo Os Varetas

Pouco depois, na década de 60, por iniciativa do mestre Fernando Lança, foi criado o grupo musical Os Arenenses. Este era constituído inicialmente por Fernando Lança (trompete), João Manuel Lança (vocalista), Nuno Mota (guitarra e voz), Manuel António Alves Lourenço (baterista) e Manuel Gavancha (acordeão). Passado pouco tempo, o baterista passou a ser Manuel Joaquim Mota. De notar



que muitos destes músicos já atuavam frequentemente nos espectáculos de variedades que se seguiam às sessões de teatro representadas na sala nº 1 da Sociedade Recreativa Arenense.

Fig. 38: Grupo musical Os Arenenses (Da esq. para a dir.: Nuno Mota, Manuel Joaquim Mota, João Manuel Lança, Fernando Lança, Manuel Gavancha)



Fig. 39: Os Arenenses atuando na Praça de S. Marcos, em S.A.A.



Fig. 40: Atuação d'Os Arenenses na última festa dos trabalhadores realizada no Pereiro

O grupo manteve-se alguns anos, mas foi sofrendo alterações, passando a ser constituído por Fernando Lança (trompete), Nuno Mota (voz e baixo), José Fernandes Bastos Pires (de Alpalhão e conhecido por todos como José *Galo* – acordeão e órgão), Casimiro Morgado Pereira (viola), Diamantino Realinho Corte Real (bateria), entre outros.



Fig. 41: Atuação do grupo Os Arenenses com uma constituição renovada (Da esq. para a dir.: Casimiro Pereira, Nuno Mota, José *Galo*, Fernando Lança e Diamantino Corte Real)

Na sua última fase, o mestre Fernando Lança, por questões de saúde, assumia essencialmente as funções de diretor/gestor e também a bateria passou a ser assegurada por José Luís Moreira Martinho, mantendo-se os outros dois elementos.



Fig. 42: A última fase d' Os Arenenses (Da esq. para a dir.: Casimiro Pereira, Nuno Mota, José Galo e José Martinho)



Fig. 43: O grupo a caminho de uma atuação com o "motorista" Silvestre Mangerona Fernandes

Passado algum tempo, surgiu o grupo musical Impacto. Este resultou da junção de elementos d' Os Arenenses e do D. João III, de Portalegre (fundado por José Maria Portalete). Dele faziam parte João Alberto Machado Gonçalves (baterista), Henrique Belacorça (voz e congas), Nuno Mota (voz), João Biscaia (guitarra e voz), José Fernandes Pires (órgão) e António José Ribeiro Durão (viola baixo).

De notar que, apesar de haver alguns elementos de Portalegre nos grupos que se seguiram a Os Arenenses, a sede deles acabava por ser sempre em Santo António das Areias, onde ensaiavam e tocavam regularmente.



Fig. 45: Foto de uma fase intermédia do grupo Part-time (Na bateria Júlio Mafra, ao centro, da esq. para a dir., José Durão, Álvaro Monteiro e Nuno Mota, à frente, Vítor Conchinha)



Fig. 44: Foto da segunda fase do grupo Part-time (Em cima, da esq. para a dir. – Júlio Mafra, Álvaro Monteiro, Nuno Mota. Em baixo, à esq. António Durão, José Pires)

Na década de setenta, alguns desses músicos e outros novos formaram o conjunto Part-time, o qual veio a atingir uma projeção muito maior do que os anteriormente citados e perdurou muito mais no tempo. Dele fizeram parte Nuno Mota (vocalista), Domingos Redondo (guitarra), António Manuel Martins Picado (baterista), José Durão (viola baixo). Mais tarde, alguns elementos foram saindo e juntaram-se Júlio Mafra (baterista), Álvaro Monteiro (guitarra), João Miguéns (guitarra), Joaquim Arrenega (guitarra), David Almeida (guitarra), Carlos Bagina (bateria), Vítor Conchinha (teclas), entre outros...



Fig. 46: Foto de nova fase do grupo Part-time. Aqui numa atuação num encontro dos antigos alunos do Liceu Nacional de Portalegre (Da esq. para a dir.: João Miguéns na viola, Vítor Conchinha nas teclas, Carlos Bagina na bateria, Nuno Lança como vocalista, ao fundo, José Neves nas luzes e José Durão na viola baixo)



Fig 47: Grupo Part-time animando um baile na Sociedade de S.A.A.

manteve em atividade até final de 1985. Começou com apenas três membros, Fernando Vieira, José Joaquim Maravilha e Vítor Conchinha, e depois foi ganhando novos elementos, designadamente, Francisco Clemente, José Manuel Gavancha e Romão Paz.



Fig. 48: Ensaio do grupo musical Original Arenense na fase inicial (Da esq. para a dir. José Maravilha, Fernando Vieira e Vítor Conchinha)



Fig. 49: Atuação do grupo Original Arenense na discoteca A Cave (Da esq. para a dir. Francisco Clemente, José Manuel Gavancha, José Maravilha, Fernando Vieira, Romão Paz e Vítor Conchinha)



Fig. 50: Foto do grupo musical Original Arenense (Da esq. para a dir.: Francisco Clemente, Vítor Conchinha, José Manuel Gavancha, João Manuel Carrilho, Fernando Vieira, José Joaquim Maravilha e Romão Paz)

Mais tarde, o grupo conheceu outra reestruturação, passando a ser composto por Francisco Clemente, Vítor Conchinha, José Manuel Gavancha, João Manuel Carrilho, Fernando Vieira, José Joaquim Maravilha e Romão Paz.

Na década de oitenta, mais concretamente em fevereiro/março de 1986, surgiu em Santo António o grupo Kuerkus, o qual durou apenas até agosto/setembro desse ano devido a um acidente sofrido pelos elementos do grupo quando se dirigiam para uma atuação. Dele faziam parte Fernando Vieira, Francisco Clemente, Hélder Duarte, Abílio Baldeiras, Nuno Machado e José Maravilha.



Fig. 51: Cartão de visita do grupo Kuerkus

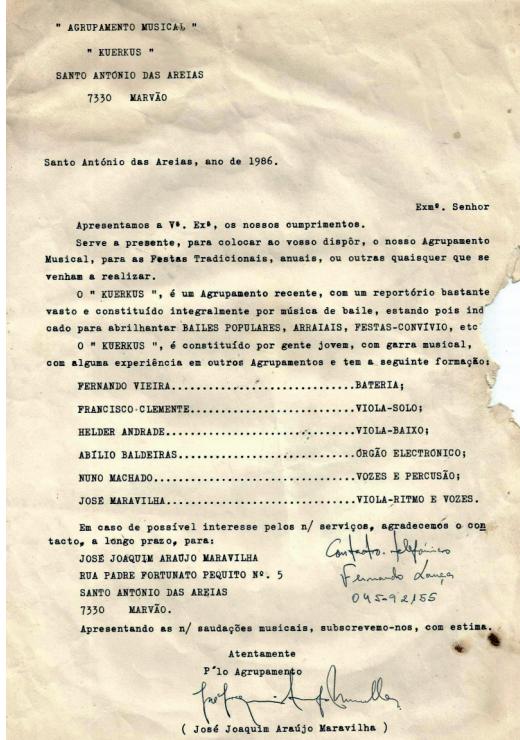


Fig. 52: Carta de apresentação do grupo musical Kuerkus

cavaquinho) e António Miranda (manger). Com o decorrer dos anos foram saindo alguns elementos e entrando outros, tais como, Francisco Clemente (braguesa), Rui Gavancha (bombo), Nuno Cebola (acordeão)...

Em finais de 1996, por ocasião de um concurso de música popular portuguesa lançado pela Câmara Municipal de Marvão, reuniram-se alguns amigos com passado ligado à música e constituíram o Grupo de Música Popular Cant'Areias, que se mantém até aos dias de hoje, contando já vinte e quatro anos de existência.

Da equipa inicial faziam parte Clarimundo Lança (braguesa), João Manuel Lança (voz e ferrinhos), José Manuel Silva (castanholas), Manuel Joaquim Mota (bombo), Nuno Mota (baixo e voz), Abílio Baldeiras (acordeão) e João Manuel Carrilho (voz e



Fig. 53: Cant'Areias (Da esq. para a dir.: Clarimundo Lança, João M. Lança, José M. Silva, Manuel Mota, Nuno Mota, Francisco Clemente, Abílio Baldeiras, João Carrilho)

Se um concurso representou o desafio, o gosto pela música e o desejo de recriarem temas alusivos às suas gentes e à sua região permitiram dar-lhe continuidade ao longo de todos estes anos. Atualmente já publicaram dois CD, "Cantarolando" e "Sete Enganos", que contêm sobretudo temas originais e evocam vários aspectos do Património Cultural Imaterial do Alentejo. Ao longo da sua existência foram adotando um estilo muito próprio que leva o ouvinte a facilmente identificar o grupo. Contam com um número elevado de atuações, quer em Marvão, quer por todo o país e várias vezes participaram em programas de rádio e de televisão, o que tem também contribuído para a sua projeção. Do seu vasto rol, há determinadas músicas que se tornaram mais populares, tais como, Marcha do Santo António, Santo António das Areias, a Moda da Ingelina, Canto ao Alentejo, Alentejo tão Lindo.



Fig. 54: Grupo Cant'Areias a animar um casamento

Já mais recentemente, em 2011, por iniciativa de Pedro Sobreiro e no seguimento das aulas de viola que eram ministradas em Marvão pelo professor Filipe Andrade, emergiu um novo grupo musical. Na verdade, reuniram-se alguns amigos com gosto pela música e dotados de muito boa disposição, a que deram o nome de A Grupal!. A designação teve inspiração num jovem alemão conhecido de elementos do grupo (Achim Speer), que frequentemente dizia ter pertencido a "uma grupa" no seu país (e não a "um grupo").

Da sua constituição faziam parte Pedro Sobreiro (viola e voz), José Carlos Costa (bombo e voz), Vítor Ramos (viola e voz), Nuno Pires (pandeireta e voz), Pedro Martins (voz), Fernanda Cristina Lança (voz), Catarina Bucho Machado (voz e viola), Luís Barradas (pandeireta e voz), Hernâni Sarnadas (reco-reco e voz), Bruno Fonseca (acordeão), Filipe Andrade (viola e voz) e Cláudio Gordo (imagem).

O contributo que o Cant'Areias tem dado à música popular portuguesa e a forma louvável como tem divulgado as gentes e as tradições de Santo António das Areias e de Marvão em geral motivaram a atribuição da Medalha de Mérito Municipal por parte da Câmara de Marvão, em 2012, aquando da celebração do dia do concelho.

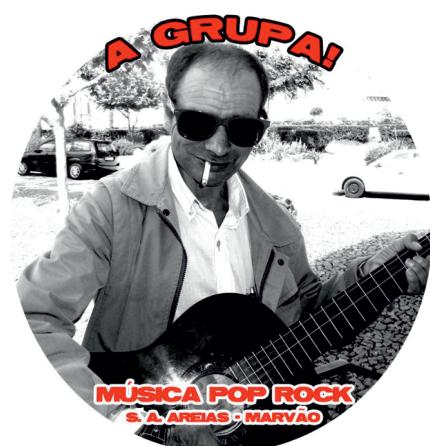


Fig. 55: Logotipo do grupo musical A Grupal! com o "Gira" como mascote

Infelizmente, esse grupo musical também teve uma duração curta, atuando apenas duas vezes. A primeira foi na festa de S. Marcos de 2011 e a segunda no Dia do Sócio do G.D.A., a 01 de maio desse ano, na sede do Arenense.

Fig. 56: Atuação de A Grupal no S. Marcos (Da esq. para a dir., em cima:Hernâni Sarnadas, José Costa, Pedro Martins, Luís Barradas. Em baixo: Filipe Andrade, Pedro Sobreiro, Bruno Fonseca, Cristina Lança e Catarina Machado)



O balanço foi positivo e entretanto já tinham outros concertos agendados, não fosse ocorrer, em julho, o acidente de viação do mentor do grupo que imediatamente levou à sua dissolução.

Nos últimos anos, Abílio Baldeiras, a solo, ou em duetos com outros artistas da terra, nomeadamente, Pedro Martins e João Manuel Carrilho, tem continuado a animar alguns eventos.

Apesar de haver muitos músicos no concelho, aos bailes da zona norte de Marvão sempre se deslocaram artistas de fora. Por exemplo, algumas das orquestras mais aguardadas eram A Ferrugem (de Portalegre), a orquestra Dr. Frederico Laranjo (de Castelo de Vide), a Orquestra Ideal (de Portalegre), a Orquestra Aliança (de Alegrete), os Clementes (8) (de Espanha), o conjunto Euterpe (de Portalegre), entre muitos outros. Estes grupos atuavam essencialmente pelo S. Marcos.



Fig. 57: Baile da Rosa, no G.D.A., séc. XXI, animado por Abílio Baldeiras (teclas) e João Manuel Carrilho (voz)

7. Para finalizar a dança

Muitas aventuras se viveram nos bailes, essencialmente boas. Como foi referido, muitos casamentos tiveram aí a sua génesis, quantas amizades aí surgiram, tantos momentos de boa disposição que aí se proporcionaram...

No entanto, também ficaram na memória alguns episódios menos agradáveis. Quantas vezes esses momentos de dança não acabavam em pancadaria!

Ciúmes por alguma rapariga, contas antigas por ajustar ou outro qualquer motivo potenciado pelo álcool estragavam muitas vezes a festa e geravam algumas cabeças partidas. Para quem vivenciou esses tempos, até dessas confusões tem saudades.

O decréscimo demográfico após a década de 50 do século passado em Marvão contribuiu de forma decisiva para o desaparecimento das sociedades recreativas. Para além da falta de sócios, deixaram de existir os motivos que as justificavam. Ou seja, o baile deixou de ser quase o único local de início de compromissos amorosos; como sítios de convívio, as sociedades foram substituídas pelos cafés, o aparelho de televisão vulgarizou-se e os espaços de reunião de pessoas diversificaram-se. Na maior parte dos casos, apenas se mantiveram os edifícios, hoje-em-dia com outras funcionalidades. Somente o de Santo António das Areias ainda continua a ser um espaço de dança, de convívio e de lazer.

Os bailes tiveram continuidade sobretudo nas festas populares, mas, paulatinamente, foram perdendo participantes. Aqueles que se realizam, mesmo com entrada gratuita, cativam poucos os jovens e as gerações mais velhas também já não aderem como antigamente, ou porque as pernas já não ajudam ou porque encontraram outras formas de distração mais aliciantes.

Bibliografia/ Fontes

- OLIVEIRA, Jorge de (1994). "Instrumentos, bandas e conjuntos musicais do concelho de Marvão – I" in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 4. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, pp. 15–32.
SIMÃO, Teresa S. B. (2016). *Dicionário do Falar Raiano de Marvão*. Lisboa: Edições Colibri.
DIAS, Manuel Pires. "Já se foi o tocador" in "Altaneiro – Jornal de Marvão", nº 2 de 1998.

Fotos do espólio de Teresa Simão, Manuel Pires Dias, Jorge de Oliveira, José Joaquim Carrilho, Mila Mena, Fernando Vieira, João Manuel Lança e Nuno Lança Mota.

Notas

¹ Esta peça foi várias vezes representada no concelho de Marvão, como se pode ler no artigo de Teresa Simão "O teatro – importante evento cultural em S. A. das Areias e Beirã".

² Texto transcrito ipsius verbis, sem quaisquer correções.

³ Exemplos retirados de SIMÃO, 2016.

⁴ Este senhor era primo dos cinco irmãos.

⁵ Cf. OLIVEIRA, 2004, pp. 15-32.

⁶ Foto do espólio de Jeremias da Conceição Dias.

⁷ Publicamos aqui os textos tal como foram publicados, mas retificámos pequenas gralhas aí existentes.

⁸ Aliás, embora todos fossem amigos, na altura, havia uma grande rivalidade entre este grupo e Os Carrilhos.